

O FASCISMO COTIDIANO

Marco Antonio Rossi*

PRÓLOGO

O fascismo como movimento histórico revelou-se antiliberal, antidemocrático e anticomunista. Só não foi, de fato, anticapitalista, apesar da retórica protecionista e nacionalista inflamada. Essa contradição, que unia a sanha globalizante do capital a sentimentos chauvinistas exasperados, irrompeu na Europa das décadas de 1920 e 30, tornou-se um dos mais emblemáticos modelos de configuração das relações entre Estado e sociedade no século 20 e, no limite, expandiu-se no tempo e no espaço como um certo tipo de conduta individual e coletiva no interior de sociedades bastante diferentes daquelas que lhe deram impulso inicial, notadamente a Itália sob o *duce* Benito Mussolini e a Alemanha liderada pelo *füher* Adolf Hitler.

Em que consiste, afinal de contas, o fenômeno fascista? Num momento histórico que parece olhar para trás, cassando direitos, estigmatizando minorias, recrudescendo o poder quase ilimitado das elites econômicas e políticas, que tipo de fascinação o fascismo pode despertar em indivíduos, grupos e fragmentos de classe social? O fascismo é um evento datado, localizado e marcado exclusivamente no século passado ou pode vir a se transformar em, ao menos, ingrediente das sociedades de massa contemporâneas? Em resumo: quais os perigos do fascismo hoje?

I

Em livro publicado em 1977, **Introdução ao fascismo**, o filósofo marxista Leandro Konder se debruça sobre as origens do fenômeno, sua base social e sua interdependência em face do capitalismo monopolista de Estado. À certa altura da obra, Konder arrisca uma definição de fascismo que, se não o esgota, oferece pistas interessantes para interpretá-lo numa ponte entre o passado e o presente. Escreve Leandro Konder:

O fascismo é uma tendência que surge na fase imperialista do capitalismo, que procura se fortalecer nas condições de implantação do capitalismo monopolista de Estado, exprimindo-se através de uma política favorável à crescente concentração do capital; é um movimento político de conteúdo social conservador, que se disfarça sob uma máscara “modernizadora”, guiada pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionistas e conciliando-os com procedimentos racionais-formais de tipo manipulatório. O fascismo é um movimento chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista, antioperário. Seu crescimento num país pressupõe condições históricas especiais, pressupõe uma preparação reacionária que tenha sido

* Professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL), doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

capaz de minar as bases das forças potencialmente antifascistas (enfraquecendo-lhes a influência junto às massas; e pressupõe também as condições da chamada sociedade de massas de consumo dirigido, bem como a existência nele de um certo nível de fusão do capital bancário com o capital industrial, isto é, a existência do capital financeiro (2009, p. 53).

A síntese de Konder aponta questões que associam o fascismo a momentos específicos de desenvolvimento do capital como relação social. O fato de o fascismo surgir e prosperar num contexto de concentração de capital sob domínio dos poderes de Estado – a etapa histórica de desenvolvimento seria mesmo o assim denominado *capitalismo monopolista de Estado*, vigente, de forma exponencial, no período europeu entreguerras (1918-1939) – ajuda a compreender os elementos de manipulação de massas, pela direita, num claro tom conservador (“*antitudo*”) e, para despertar sentimentos e desejos de mobilização, ancorados num mito, qual seja: o de pátria. A novidade, ressalta Konder, é a de um movimento conservador que consegue explorar o apoio das massas na direção de objetivos nitidamente elitistas e de classe, exclusivistas. Se não houvesse a instauração do mito patriótico e a criação de inimigos externos, como, em particular, a ameaça comunista soviética, as chances de despertar a ira das multidões, mesmo em situação de penúria do pós-guerra, seriam insuficientes. Assim, o mito e a marcha popular (ou melhor: populista) pelos caminhos ideológicos da direita trouxeram à margem um dos mais complexos e instigantes emblemas do fascismo: uma nova interpretação da luta de classes.

II

De acordo com Konder, Marx refletiu sobre a unidade entre teoria e prática, sem que essas duas dimensões se misturassem ou se confundissem. Existem, pois, relações materiais que definem todo pensamento, sem mitificá-lo, podendo ser relativizado graças às suas contradições no mundo. Esse movimento dialético entre pensamento e ação pode ser compreendido como *práxis*, que, de forma ampla e insuperável, é sempre menor e mais frágil do que a realidade que procura abarcar e compreender.

O fascismo, por sua vez, converteu a *unidade* entre teoria e prática em *identidade*, instrumentalizando-a e dela extraindo uma teoria acrítica e uma prática totalizadora, ambas a serviço e à mercê do *duce*, condecorado pelas massas como representante maior do mito mobilizador e, dessa maneira, inquestionavelmente superior.

A energia substitui a retórica no fascismo. Não há muita preocupação com *o que se diz*, mas, sim, com o modo *como se diz*: a eloquência do discurso é o fator populista de agitação das massas, que se esconde atrás de uma ideia falsa de novidade modernizadora e progresso social. As conhecidas imagens históricas que revelam Mussolini e Hitler se esgoelando diante de

multidões eufóricas e indiferentes ao conteúdo da fala (contagiadas apenas pelo tom das palavras) ilustram bem essa opção fascista pela “mobilização vertical”, dirigida de cima para baixo, em busca da validação dos princípios de direita inerentes ao ideário fascista.

É interessante destacar ainda o que Leandro Konder chama de *paradoxo da direita*. Diante de um tema “quente”, que costuma provocar queimaduras em seus intérpretes, adverte o autor de **O futuro da filosofia da práxis**, é compreensível que as ideologias em jogo sejam afastadas de suas verdadeiras condições de universalização. A direita, em si, é “regionalista”, prende-se a interesses que não escapam aos escrutínios de sua classe propositora e protagonista. Como, então, compreender a suposta “universalidade” do fascismo como fenômeno político e cultural? Como desfazer o nó dessa contradição entre uma origem ideológica particularista e as necessidades históricas de persuasão e expansão?

Konder pondera:

... a ideologia de direita encerra uma contradição interna, que se manifesta com clareza tanto maior quanto mais abstrato é o nível de sua fundamentação teórica: na medida em que a direita produz seus ideólogos mais ambiciosos (os seus filósofos), não pode impedir que eles se lancem em busca de princípios mais universais para a ideologia que estão ajudando a elaborar. E a busca da universalidade torna a ideologia da direita menos funcional, danifica a solidez das suas articulações pragmáticas, inevitavelmente particularistas (2009, p. 28).

O recurso à “energia” em vez do apelo à “retórica” sinaliza a fragilidade que se evidencia nessa contradição insuperável da ideologia de direita. A impossibilidade de universalizar os particularistas interesses de classe que dão impulso ao fascismo como evento histórico fortalece o pragmatismo radical numa sociedade baseada na propaganda, na agitação orientada para o consumo dirigido de ideias e mercadorias, na violência e, de modo singular, na disseminação de supostos valores perpetrados pelo mito, tais quais: fé, família, propriedade, pátria, segurança, etc. A “mobilização vertical”, portanto, requer um suporte espiritual e uma guarnição muito prática. A parte prática é a militarização e a pasteurização de ideias por meio dos ímpetus propagandísticos, imunes à reflexividade e alheios à contemporização; a dimensão espiritual é a cultura da supremacia nacional, em nome da qual todos os preconceitos e ódios encontram prévia justificativa.

O fascismo, portanto, é uma revolta contra o materialismo histórico e dialético, suas perspectivas de mundo, suas aspirações transformadoras da realidade social. Como movimento reacionário, que não mede esforços para anular a oposição dos trabalhadores na luta de classes, é uma visão apaixonada de convicções idealistas, em favor das elites econômicas e políticas que assaltam o poder de Estado para perpetuar, sob nova modalidade, o domínio do capital nas relações sociais. É, portanto, uma mentalidade e uma ação, que, se é datado como evento

histórico e localizado geograficamente em sua origem ítalo-germânica, vem se desdobrando no tempo e no espaço, reconfigurando as fronteiras das democracias liberais em permanente crise de representação política e de capacidade de satisfazer as demandas dos mais distintos grupos e classes sociais. O fascismo, em muitos aspectos, atravessou o século 20 e aterrissou neste novo milênio despertando novos sentimentos, edulcorando novas condutas no mundo público, apesar de suas cercanias privadas. Esse paradoxo das ideologias de direita segue sendo desafio aos intérpretes do presente.

III

Para pensar o fascismo como uma mentalidade que se expressa muito além dos limites de suas realizações históricas nas primeiras décadas do século XX, na Europa, encarando-o como um fenômeno que ainda se reelabora em diversas configurações da vida política, social e cultural em todo o mundo, é urgente frisar a dificuldade de delinear um perfil psicológico do indivíduo fascista. Tornou-se lugar-comum acusar oponentes de argumento no espaço público de “fascistas”. Nos diversos matizes do espectro ideológico, da extrema-esquerda à extrema-direita, a alcunha “fascista” foi banalizada. Em nome de agraciar o interlocutor com uma adjetivação “terrível” e “indefensável”, o *outro* transformou-se em fascista, seja porque defende a presença do Estado na vida pública, seja porque não incorpora em seu modo de pensar e viver os considerados valores e direitos das minorias. Liberais e socialistas, progressistas e conservadores, há um fascismo inédito e apropriado para cada tipo humano no universo político e social. Retirado da história, contudo, o fascismo se presta a tudo, menos à verdade. Mais do que isso: o fascismo como evento específico do século 20 – das sociedades de massa e da indústria cultural, portanto – é um acontecimento social. As consciências individuais que em seus desdobramentos foram engendradas e fortalecidas não pertencem a uma única classe. A base social, do fascismo, portanto, é ampla e heterogênea.

Sobre isso, de forma precisa, explica Konder:

Precisamente por ter chegado a se tornar movimento de massas, o fascismo não pôde deixar de mobilizar (e não pode deixar de continuar a mobilizar) gente de toda espécie. Fixar unilateralmente a atenção nos indivíduos é um modo de perder de vista o social, um daqueles casos em que, como dizia Hegel *as árvores impedem de enxergar a floresta* (2009, p. 155).

Há brancos e negros fascistas. Homens e mulheres também. Ricos e pobres, sem dúvida. O poder da propaganda na arquitetura social fascista é exatamente o de atingir as massas, tornando suas partes indivisíveis. A ideologia fascista determina como diferente (como alvo, pois) o *outro*, o estrangeiro incrédulo ou ameaçador, o grupo étnico desafeito à pátria, aqueles que não cultuam nem são dignos do “mito nacional”. Dentro das fronteiras de sua atuação

política – leia-se: dentro das circunscrições do Estado-nação –, todos são iguais, legítimos e honrados “filhos da pátria”. É nesse sentido que importam menos os perfis individuais. A questão é buscar a explicitação do tipo humano fascista, um sujeito singular na história e, ao mesmo tempo, modelo de inúmeras replicações e reajustes nas dimensões espaço-temporais.

IV

O tipo humano burguês tem duas dimensões: a *sociológica*, que determina um lugar na esfera produtiva e na estrutura de classes sociais, e a *filosófica*, que pode ou não professar os valores típicos da sociedade em que vive, mas, ao não ser capaz de superá-la (mesmo quando dela é crítica contumaz), contribui para o desencadear de seus processos hegemônicos (KONDER, 2000: p. 14-15).

Assim, esclarece Konder, numa sociedade hegemonzada pelos valores da burguesia, todos os indivíduos, inclusive os mais contestadores, acabam por reproduzir a ordem social de alguma maneira. Em momentos de cerceamento das possibilidades de pensar e agir de modo diferente, restringindo-se a definição e a criação de espaços para a convivência entre múltiplas formas de ser e viver, o fascismo encontra terreno fértil e propício.

O crescimento da atuação política do operariado, graças às lutas históricas que atravessaram o século 19, ergueram uma comuna em Paris e garantiram as bases da conquista social de direitos antes inimagináveis para o conjunto dos subalternos na Europa, precipitou o advento histórico do fascismo, mobilizando os corpos e espíritos do tipo humano pequeno-burguês, o mais suscetível dos estratos sociais e, ao mesmo tempo, aquele capaz de catalisar os sentimentos das massas em favor das demandas dos grandes capitalistas.

Leandro Konder finaliza assim seu livro introdutório ao fascismo:

Não é por sentirem saudades dos tempos do capitalismo liberal que os grandes capitalistas torcem o nariz ante a crescente intervenção do Estado na economia (embora reconheçam que ela é necessária): é porque percebem que, se as forças populares chegarem a se apoderar revolucionariamente do aparelho do Estado, será mais fácil para elas servirem-se dele, agora, na transformação eficiente da estrutura social [...] Mesmo que a tomada do poder por parte das forças populares não lhes pareça estar na ordem do dia, os grandes capitalistas percebem, apreensivos, que o aparelho do Estado não é imune às pressões e infiltrações. O número de capitalistas diminui, ao passo que o número de assalariados aumenta. E o conteúdo de classe não basta para vaciná-lo contra contaminação de impulsos políticos provenientes da massa cada vez mais ampla e mais densa das camadas populares. Quanto mais importante se torna o controle do Estado, mais os grandes capitalistas são levados a lutar para “limpá-lo” de “incrustações democráticas”, empenhando-se cada vez mais radicalmente em funções repressivas e antipopulares.

E arremata, o autor de **A questão da ideologia**:

Daí a tentação do fascismo (2009, p. 175).

V

Etimologicamente, o fascismo, essa tentação que articula classes médias e abastadas contra insurgências e processos de visibilidade das classes trabalhadoras, vem do latim *fascēs*, que designa um feixe de varas amarradas em torno de um machado. A imagem, que pressupõe a ideia segundo a qual “a união faz a força”, foi símbolo do Império Romano que flagelou e decapitou os cidadãos considerados desobedientes. A expressão “força pela união” – as varas garantindo sua condição inquebrantável e protegida –, de origem etrusca, representa bem a ideia de poder e autoridade associada à insígnia fascista.

A base social do movimento histórico fascista, conquanto heterogênea, uma vez que típica das modernas sociedades de massa, obteve junto aos segmentos intermediários das nações italiana e alemã seu epicentro. As classes médias incorporaram os sentimentos “*antitudo*” da agitação política e propagandista do fascismo, colaboraram na mobilização de cima para baixo das massas desempregadas e traumatizadas com as consequências da guerra em suas vidas e ergueram um Estado centralizador e violento, cuja economia obedecia ao princípio de acumulação de poder nas mãos dos burocratas e estabelecimento de alianças entre dirigentes políticos fascistas e representantes do grande capital.

O fascismo, na era do *capitalismo monopolista de Estado*, centrifugou o mercado, deu-lhe as regras ideais de funcionamento e, de modo jamais visto, promoveu a passagem de sociedades em crise institucional generalizada para modelos de “progresso”¹ e “bem-estar social”. Ao mesmo tempo, fez-se alternativa ao comunismo soviético e ao capitalismo “liberal” estadunidense. Criava-se, assim, uma terceira opção de vida social e configuração estatal, baseada em um movimento contínuo das massas, pela direita, ideologia beligerante e nacionalista (chauvinismo e práticas de eugenia étnico-racial) e manipulação das consciências em nome da aceitação de inimigos a vencer e objetivos patrióticos a alcançar.

Resta, no entanto, indagar: o fascismo como evento histórico ou mentalidade sociocultural pôde se afirmar em que tipo de realidade e através de quê? Possíveis respostas a

¹ Sempre é oportuna a lembrança da ideia de progresso contida na tese sobre a História n.º 9, de Walter Benjamin. Tal qual aos olhos assustados do anjo da História, o “progresso” fascista é uma tempestade. [“*Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.*”] In: BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: **Obras Escolhidas**, vol. 1. São Paulo, Brasiliense, 2010.

essa questão podem elucidar como foi possível que esse “absurdo” se tornasse realidade durante tanto tempo e sobrevivesse como valor ideológico após a Segunda Grande Guerra (1939-1945).

VI

O historiador italiano Renzo De Felice (1929-1996) foi um dos mais prestigiados estudiosos do fascismo. Seu livro **Explicar o fascismo**, publicado em 1976, é considerado uma obra de referência no assunto. Ainda que algumas críticas quanto ao caráter conservador de sua análise a coloquem em condição de suspeição, principalmente pelo fato de insistir que o fascismo foi, de fato, um evento circunscrito a Itália e a Alemanha da primeira metade do século 20, é irrefutável a genuína contribuição que a obra empresta a reflexões sobre a insistência do fenômeno fascista neste início do século 21, senão como “evento histórico”, ao menos como ingrediente cultural de uma época em que recrudescem fundamentalismos e práticas de preconceito e exclusão.

De Felice considerava que não havia apenas uma explicação pertinente acerca do fascismo. Ele o entendeu como “regime”, datado e localizado, como frisado anteriormente, e também como “movimento” (DE FELICE, 1978, p. 17). Embora tenha se dedicado mais à primeira forma do fenômeno, De Felice investigou algumas das razões pelas quais o fascismo se tornou um advento tão potente, cujas raízes ainda se movimentam pelo terreno histórico.

Nesse sentido, escreveu De Felice, o fascismo foi possível em nações cujos processos de mobilidade social se revelaram mais rápidos e intensos, pelos quais massas empobrecidas obtiveram ascensão social e ganhos materiais de forma até então imprevisível. Ao mesmo tempo, o fascismo encontrou caminhos adequados para prosperar onde a economia agrário-latifundiária possuía lastro nos processos de formação sociocultural, com vestígios tanto na forma de definir e estabelecer as relações sociais quanto na capacidade de influir sobre toda a vida produtiva nacional. Uma trajetória pregressa de inflação, desemprego e alto custo de vida também corroboraram a estruturação de um espaço ideal para o florescer fascista. De Felice postulava ainda que a fragilidade da vida parlamentar (com sua senilidade ou não autonomia ante os demais poderes constituídos), ao colocar em xeque a legitimidade da democracia, impunha a necessidade de alternativas mais “robustas” de governo (DE FELICE, 1978, p. 24).

É de admirar a semelhança dessa *tipologia* de De Felice com a realidade vivida no Brasil nos últimos anos, principalmente a partir das chamadas Jornadas de Junho², em 2013. Se há elementos para pensar a emergência de um *fascismo cotidiano* na sociedade brasileira, eles estão em boa medida nas condições essenciais para seu surgimento expostas por De Felice há mais de quarenta anos. Democracia frágil (parlamento cooptado, judiciário alinhado com as pautas políticas da elite econômica de origem agrária), histórico de fracassos na economia (com crises sucessivas e agudas na geração de emprego e renda para as classes médias) e, no polo oposto, após a chegada ao poder de forças políticas à esquerda no espectro ideológico, ascensão social dos mais pobres via ação do Estado, por meio de políticas públicas de transferência de renda (Programa Bolsa Família) e inclusão social dos trabalhadores e seus descendentes nos mercados de bens materiais e simbólicos (acesso a bens duráveis e abertura de vagas no ensino superior lugar, por exemplo).

De acordo com De Felice, o fascismo tinha uma face aberta: um projeto de insurgência das classes médias para reconquistar seu lugar de prestígio na estrutura social. Era essa a sua base social exclusiva, sem a necessidade de mobilizar “os de baixo”. Tratava-se, pois, de uma ação própria, que nada tinha a ver com resistência ao crescimento dos movimentos populares. Daí seu aspecto conservador. No caso brasileiro, sobressai o “polo oposto”: o fascismo como ódio de classe e, ao mesmo tempo, como ação contrarrevolucionária, anticomunista e antidemocrática por excelência, disposta a reconduzir as classes populares ao seu lugar histórico de subalternidade.

VII

Urge, então, compilar as razões pelas quais De Felice entende como se deu o enraizamento do fascismo na qualidade de “movimento” no início do século 20. É nesse aspecto que sua obra apresenta convergências com a análise de Leandro Konder e permite, para as pretensões deste pequeno artigo, refletir sobre a existência de um *fascismo cotidiano* no Brasil atual.

² Surgidas logo após o início de protestos contra o aumento de 20 centavos na passagem do transporte coletivo na capital paulista, liderados pelo Movimento Passe Livre (MPL), as chamadas Jornadas de Junho tomaram as ruas do país nas semanas em que ocorreu a Copa das Confederações, em 2013, um ano antes da Copa do Mundo da FIFA no Brasil e da eleição presidencial que manteve no cargo a Presidente Dilma Rousseff. Sob slogan original “*Não é só pelos 20 centavos*”, o movimento se ampliou e se tornou uma massiva ocupação das ruas por diferentes grupos e classes sociais, em intensa disputa por protagonismo político. As Jornadas de Junho dividiram a crítica e multiplicaram, em termos ideológicos, as análises positivas e negativas acerca de suas intenções e desdobramentos. Foi durante esses eventos que a direita “verde e amarela” organizou suas mobilizações que, pouco tempo depois, exigiram o impeachment de Rousseff, consumado em 2016.

Havia na Europa e nos círculos em que o fascismo vicejou com mais facilidade (incluindo nisso os regimes autoritários posteriores às duas grandes guerras na Grécia, em Portugal e na Espanha) uma concepção mística da política e da vida em geral, com profundo desprezo pelo indivíduo comum (a ponto de muitos liberais considerarem o fascismo uma *doença moral*) e enorme crença em ações diretas e decisivas pela autoridade central. O chefe era o mito e encarnava todo o ideal de nação, mobilizando continuamente as massas, em nome do partido a através de um regime *policialesco*, com total controle das fontes de informação e propaganda. De Felice apontava ainda o conservadorismo de fundo a proteger a “revolução verbal” e o modernismo de fachada do fascismo. Para tanto, a política convertia-se em ação assistencialista de tipo populista, para “acalmar” as massas e enfraquecer as forças antifascistas. O apoio das classes médias era fundamental, uma vez que a elas era creditado o poder de disseminação da “opinião pública”. Militarismo e aparato repressivo andavam de mãos dadas e pés juntos. Fundamental, para De Felice, era observar a existência de uma economia privada que se expandia graças às intervenções do poder público nas esferas produtivas. A direção econômica da sociedade, portanto, era uma aliança promíscua entre grandes capitalistas e dirigentes fascistas, o que colocava todos os conflitos políticos nascidos no mundo do trabalho sob jurisdição estatal, ou seja, desde sempre cooptando ou criminalizando os trabalhadores e suas instituições representativas (DE FELICE, 1978, p. 25).

Apesar do caráter meramente ilustrativo dessa nova tipologia de De Felice, para pensar as possibilidades de um fenômeno fascista mais amplo e de certa maneira independente de sua versão como “regime político histórico”, é flagrante sua inserção em algumas experiências do Brasil contemporâneo.

Os movimentos sociais que saíram às ruas, pela direita, para exigir o *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), além da “condução externa”, midiática e partidarizada, carregavam consigo forte rejeição a programas sociais, aos benefícios públicos destinados às camadas mais pobres e vulneráveis da população. Vestidos de verde e amarelo, os manifestantes enalteciam o “mito nacional” e pediam o fim da “corrupção” dos *esquerdistas* nas estruturas do poder. A tendência autoritária se revelava na exigência, por fragmentos dessas mobilizações, de “intervenção militar” no Brasil, fato indicador, nos termos de Jacques Rancière, de um *ódio à democracia*.

Rancière, aliás, atesta que a democracia é o reino dos excessos e promove continuamente, por conta de sua intensidade, crises e ruínas, segundo seus “inimigos”. O fato de a vida democrática permitir crescente participação popular nos assuntos públicos, aumentando as demandas do Estado e abrindo brechas em sua composição política, desloca o

discurso conservador para a esfera do indivíduo, cuja autorrealização passa a ser o objetivo maior das sociedades contemporâneas. Essa constatação do autor de **O desentendimento** vai ao encontro da conclusão de Konder em seu livro sobre o fascismo: a paixão dos grandes capitalistas por um mundo sem trabalhadores e suas reivindicações suporta tudo, desde a opção pelo fascismo até o uso instrumental da democracia, que atomiza a sociedade e nega toda experiência política coletiva e de classe. Não fosse uma expressão tão obtusa, chamar-se-ia esse recurso de “fascismo às avessas”, cumprindo, no entanto, a mesma função de minar as energias dos movimentos de classe dos trabalhadores. Rancière, não à toa, afirma que a democracia costuma ser mais agredida por seus ferrenhos defensores em discurso. Na prática, tais quais os fascistas e a classe média “verde e amarela”, em vez de modernizar a vida social, os “democratas” retroagem ao que há de mais anacrônico e autoritário (RANCIÈRE, 2014, p. 16-17).

Em livro recente, publicado em 2016 e intitulado **A difícil democracia**, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos intui que as democracias contemporâneas se modernizaram do ponto de vista institucional: dividiram-se em três poderes, garantiram a periodicidade das eleições, promoveram aberturas comerciais e diplomáticas, incentivaram a liberdade *relativa* de opinião e imprensa, esforçaram-se por estabelecer parâmetros mínimos de convivência entre os inúmeros grupos representantes da diversidade social. A experiência cotidiana, contudo, permanece marcada e orientada pelas práticas autoritárias, que veem no outro um obstáculo, nunca uma parceria. Nesse sentido, as relações nos ambientes familiares, escolares e de trabalho, por exemplo, são consequência do elitismo das classes dominantes, que reiteram velhos preconceitos e revalidam antigas condutas de exploração e exclusão. A enorme e fatídica persistência das desigualdades sociais, que, entre outras coisas, cavam abismos intransponíveis entre ricos e pobres, é claro sinal desse “atraso” das modernas sociedades democráticas (SOUSA SANTOS, 2016). Os ingredientes culturais da mentalidade fascista na experiência cotidiana, aquela que se revela, sutil ou abertamente, “*antitudo*”, suspendem diálogos e empatias, tornando o espaço público um campo de disputa entre particularismos. Entra em cena (se é que um dia se retirou) o *paradoxo da direita*, que, apesar das exigências de universalização da questão política, não consegue se livrar de seus interesses em nada abrangentes.

EPÍLOGO

É um risco falar de fascismo sem banalizá-lo, como adverte Leandro Konder. O uso abusivo da palavra, para maldizer todo tipo de gente, virou moda. Em nome de uma adjetivação contra a qual não há defesa, vale tudo, inclusive romper com a ética e a responsabilidade no trato de conceitos e categorias.

Neste artigo, a ideia de *historicizar* o fascismo obedeceu a uma exigência autoimposta de rigor e desejo por entender o momento presente da vida brasileira, sobretudo no que diz respeito à insistência de certa cultura fascista no pensamento e na prática cotidianos. Para tanto, De Felice e Konder foram requisitados para dar suporte e efetividade nas análises. Erros e eventuais abusos de interpretação não lhes devem ser creditados, é claro.

O fascismo cotidiano reitera preconceitos e coloca em situação delicada o ideal de uma sociedade democrática, na qual a unidade da diversidade seja possível em um ambiente público de valorização do *outro*, suas ideias e histórias. O longo passado colonial brasileiro e todas as condições socioculturais de formação da nação ainda estimulam os fantasmas distantes do fascismo, dando ênfase a controles externos, mobilizações verticais e cooptação de poderes e instituições para servir às classes dominantes e às elites econômicas, forjadas na herança rural do privatismo e da violência como instrumento exclusivo de resolução de conflitos e satisfação de interesses.

Assim, golpes e rupturas nunca são casuais.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: Obras Escolhidas, vol.1. São Paulo, Brasiliense, 2010.

DE FELICE, Renzo. Explicar o fascismo. Lisboa: Edições 70, 1978.

KONDER, Leandro. Introdução ao fascismo. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. Os sofrimentos do “homem burguês”. São Paulo: SENAC, 2000.

LIGUORI, Guido; VOZAS, Pasquale (orgs.). Dicionário Gramsciano. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. O ódio à democracia. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

SOUSA SANTOS, Boaventura. A difícil democracia: reinventar as esquerdas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

RESUMO: Em meados da década de 1970, o filósofo marxista Leandro Konder publicou um pequeno livro intitulado *Introdução ao fascismo*. A obra teve algumas reedições e chega ao início do século 21 carregando um enorme desafio à reflexão, qual seja: para além da política de Estado, fortemente centralizadora e aguçadamente violenta, quais as outras fronteiras em que opera a mentalidade fascista? Num momento histórico de binarismos que obstruem o raciocínio e empobrecem a ação, o fascismo viceja nos modos de encarar a existência, tanto no plano subjetivo quanto, principalmente, na dimensão objetiva. Konder já afirmava que o que torna o fascismo um oponente difícil de enfrentar é sua invisibilidade - seus adeptos o negam, seus desafetos não o percebem, o sujeito comum o ignora. Em face dessa indiferença, ele se fortalece em silêncio, corroendo modelos de educação familiar, escolar e públicos, em cujos variados espaços se dissemina como algo "natural" e "normal". O objetivo deste trabalho, pois, é investigar as tensas relações entre a herança social do fascismo (explicitada por Konder com maestria) e as condutas políticas dos atores contemporâneos, sobretudo nos espaços de opinião na imprensa e na vida cultural do país.

Palavras-chave: Fascismo, Direita, Leandro Konder, Vida Cotidiana, Indiferença.

ABSTRACT: In the mid-1970s, the Marxist philosopher Leandro Konder published a small book entitled *Introduction to fascism*. The work had some re-editions and arrives at the beginning of the 21st century, posing an enormous challenge to reflection, namely: in addition to State policy, strongly centralized and sharply violent, what are the other frontiers in which the fascist mentality operates? In a historical moment of binarisms that obstruct the reasoning and impoverish the action, fascism thrives in the ways of facing existence, both in the subjective plane and, mainly, in the objective dimension. Konder already stated that what makes fascism an opponent difficult to face is its invisibility - its adherents deny it, its opponents do not perceive it, the ordinary guy ignores it. In the face of this indifference, it strengthens itself in silence, eroding models of family, school and public education, in whose varied spaces it spreads as something "natural" and "normal". The objective of this work, therefore, is to investigate the strained relations between the social heritage of fascism (spelled out by Konder with mastery) and the political conduct of contemporary actors, especially in the spaces of opinion in the press and in the cultural life of the country.

Keywords: Fascism, Right, Leandro Konder, Everyday Life, Indifference.

* Artigo recebido em 25/07/2020

* Artigo aceito em 30/08/2020